

## **Histórico das transformações produtivas na agricultura no Sudoeste Paranaense: um estudo de caso**

### **History of productive transformations in agriculture in Southeast Paranaense: a case study**

DOI:10.34117/bjdv7n1-240

Recebimento dos originais: 10/12/2020

Aceitação para publicação: 11/01/2021

#### **Janaine da Silva Leite**

Graduação em Educação do Campo (UTFPR)

Instituição: UTFPR

Endereço: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Estrada para Boa Esperança, Km 04, Comunidade São Cristóvão, CEP: 85660-000, Dois Vizinhos, PR

E-mail: janainesilva132@gmail.com

#### **Serinei Cezar Grigolo**

Doutorado em Extensão Rural (UFPR)

Instituição: UTFPR

Endereço: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Estrada para Boa Esperança, Km 04, Comunidade São Cristóvão, CEP: 85660-000, Dois Vizinhos, PR

E-mail: serineicgrigolo@utfpr.edu.br

#### **Sidemar Presotto Nunes**

Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR)

Instituição: UTFPR

Endereço: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Estrada para Boa Esperança, Km 04, Comunidade São Cristóvão, CEP: 85660-000, Dois Vizinhos, PR

E-mail: sidemar@utfpr.edu.br

#### **Everton Marcos Batistela**

Doutorado em Sociologia (UFPR)

Instituição: UTFPR

Endereço: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Estrada para Boa Esperança, Km 04, Comunidade São Cristóvão, CEP: 85660-000, Dois Vizinhos, PR

E-mail: embatistela@utfpr.edu.br

#### **Manoel Adir Kischener**

Doutorando em História (UEM)

Instituição: UEM

Endereço: Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em História, Av. Colombo, 5790, Bloco H-12, sala 16, Zona 7, CEP: 87020-900, Maringá, PR

E-mail: manoelkischener@yahoo.com.br

## RESUMO

O propósito deste artigo é analisar as transformações nas atividades agrícolas, levando-se em conta as constantes incorporações de capital na atividade, principalmente por meio da elevação do grau de mecanização e de diversas outras tecnologias que, ao mesmo tempo em que podem facilitar e simplificar o trabalho, reduzem a necessidade de trabalho vivo nas atividades e modificam constantemente as formas de se produzir, bem como as trocas de atividades produtivas pelos agricultores. A comunidade rural estudada foi Linha Jacutinga, localizada em Dois Vizinhos, sudoeste do Estado do Paraná, formada em sua maioria por pequenos proprietários e com relevo declivoso, o que dificulta a mecanização. Em algumas atividades econômicas, as mudanças radicais nas formas de produzir deram-se pela necessidade de aumento de capital na atividade, outras, pela mesma razão, deixaram de existir enquanto outras foram inseridas. Por se tratar de agricultores com pouca terra e capital, à medida que as atividades intensificaram o uso de tecnologias, os agricultores migraram para novas atividades, mais intensivas em trabalho, mas que também possuem mercados estruturados, como era o caso da produção de leite. Nesta comunidade, a produção de leite e a renda dos trabalhos urbanos e da aposentadoria, se constituem nos principais condicionantes de renda da comunidade. A suinocultura e avicultura, que até os anos 80 eram intensivas em trabalho e comuns na comunidade, deixaram de existir à medida que as indústrias passaram a elevar a exigência mínima de capital para ingressar ou permanecer na atividade, de forma que atualmente não há mais produtores. O cultivo de feijão, também muito comum na comunidade, deixou de ser realizado em escala comercial quando esta espécie passou a ser produzida por meio do plantio e colheita mecanizados.

**Palavras-chave:** Colonização, Sudoeste Paranaense, Agricultura Familiar, Produtividade, Renda.

## ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the transformations in the economic activities and the forms of production in Brazilian agriculture, considering as a starting point the unequal land structure and the constant incorporation of capital in the activity, through the elevation of the degree of mechanization and of several other technologies, under the dominion of financial capital and its monopolies, which, while facilitating and simplifying work, reduce the need for living work in activities and constantly change the ways in which it is produced. The studied rural community was the Jacutinga Line, located in Dois Vizinhos, state of Paraná, formed mostly by small landowners and with sloping relief, which makes mechanization difficult. In this place, several changes occurred in the activities and the forms of production in the last decades. In some economic activities the forms of production and the need for capital have radically changed, others have ceased to exist and others have been inserted. As farmers with little land and capital, as activities became capital intensive, farmers migrated to new, more labor-intensive activities, but also with structured markets, such as milk production. Pig farming and poultry farming, which until the 1980s were labor intensive and common in the community, ceased to exist as industries started to raise the minimum capital requirement to enter or remain in the activity, so there are no more producers. Bean cultivation, also very common locally, stopped being carried out on a commercial scale when this species started to be produced in the Brazilian Midwest through mechanized planting and harvesting, as it greatly reduced the prices paid to these farmers. Fumiculture and sericulture also ceased to exist. Meanwhile, milk production has become, along with urban jobs and rural pensions, the main economic activity in the community, because it

is labor-intensive but also undergoing several transformations in the sense of capital intensification.

**Keywords:** Colonization, Southwest Paranaense, Family farming, Productivity, Income.

## 1 INTRODUÇÃO

As produções agrícolas comerciais passaram por grandes transformações no Sudoeste do Paraná, impactando a reprodução social das famílias que nesta região se instalaram ainda nas primeiras décadas do século XX.

Este estudo visa compreender os processos de transformações econômicas pelos quais passaram os agricultores, à medida que se intensificou o uso do capital em detrimento o uso do trabalho na agricultura. Assim, o objetivo dessa pesquisa é analisar a importância desse processo para o desenvolvimento da região.

Procurou-se compreender como e quando ocorreram as transformações, questionando-se pelos motivos de muitas dessas atividades terem desaparecido, alguns anos após seu surgimento, e quais atividade predominam atualmente. O estudo deu-se em uma comunidade localizada no interior do Município de Dois vizinhos, sudoeste do Estado do Paraná, denominada de Linha Jacutinga.

À título de introdução, podemos dizer que o presente estudo demonstra uma tendência inerente à essas mudanças na dinâmica produtiva da agropecuária brasileira; ou seja, de que o modelo agrícola exige, cada vez mais, recursos financeiros para se manter rentável. Por isso a verificação de que as unidades de produção familiar frequentemente trocam de atividades econômicas à medida que não conseguem alcançar ganhos na escala de produção, forçando o abandono de determinadas produções e a busca por novas atividades econômicas mais intensivas em trabalho.

Contudo, como a intensificação técnica se mostra uma tendência para todas as atividades, presume-se que estas se iniciem mais intensiva em trabalho e, em seguida, tornem-se mais intensivas em capital, como está sendo, por exemplo, a produção de leite, que pode também, a médio prazo, ser substituída pelos agricultores menos capitalizados.

Nesse sentido, a proposta do presente trabalho parte dessa configuração geral das alterações nas dinâmicas produtivas da agropecuária brasileira que seguem essa tendência de incorporação do capital nesse setor, *pari passu* à diminuição do uso do trabalho.

Essa dinâmica de reconfiguração gera, evidentemente, profundas transformações nas dinâmicas sociais das populações do campo, incidindo, fortemente, nas formas de organização social e nas estratégias de reprodução social, especialmente nas unidades de

agricultura familiar predominantes na região; bem como na comunidade objeto desse estudo.

Metodologicamente, a pesquisa exploratória foi realizada na comunidade Linha Jacutinga, localizada no interior do município de Dois Vizinhos, sudoeste do Estado do Paraná, Brasil. O estudo compreende quatro etapas: (1) realização de estudo sobre a questão agrária no sudoeste do Paraná; (2) levantamento sobre o histórico da comunidade; (3) realização de entrevistas com moradores da comunidade; (4) sistematização das informações coletadas e redação final do presente trabalho.

A primeira etapa baseou-se em leituras sobre a temática, cujo núcleo central da investigação concerne à Revolta dos Posseiros de 1957, fato histórico que teve grande influência na colonização da região, e de cujos desdobramentos derivou o modo de organização fundiária da região baseada em minifúndios. A segunda etapa do trabalho foi desenvolvida através de visitas nas propriedades de moradores pioneiros da comunidade, tendo por objetivo fazer um levantamento do histórico da comunidade.

Para isso utilizamos um guia simplificado com perguntas abertas. Na terceira etapa melhoramos o guia simplificado de perguntas, acrescentando outras questões que contribuiriam para a análise final do trabalho. Nessa fase foram realizadas entrevistas em onze propriedades, obtendo mais informações a respeito do histórico da comunidade, das primeiras fontes de renda das famílias e das transformações ocorridas nas formas de produção. Por fim, a quarta etapa consistiu na sistematização das informações coletadas e na elaboração do presente trabalho.

## **2 A COLONIZAÇÃO DO SUDOESTE DO PARANÁ**

Situado na margem esquerda do Rio Iguaçu, a oeste do Estado de Santa Catarina e em fronteira com a Argentina, o Sudoeste do Paraná é uma região composta por 42 municípios. Este território é possui uma paisagem heterogênea composta por campos e matas que refletiram na história da ocupação do Sudoeste do Paraná.

Enquanto que nas regiões de campo se desenvolveu a formação de fazendas, onde se observava claramente duas classes sociais (fazendeiros donos das terras e peões), nas regiões de mata foi possível uma diversidade social um pouco maior, composta por agricultores, comerciantes e até mesmo pequenos donos de indústrias, a exemplo dos madeireiros (VOLTOLINI, 2000).

Os primeiros habitantes do sudoeste do Paraná chegaram nessa região ainda nas primeiras décadas do século XX, vindos, principalmente, dos campos de Palmas

(LAZIER, 1986). Esses primeiros moradores viviam basicamente da exploração de recursos naturais provindos das matas, principalmente da erva-mate, que foi uma das primeiras atividades econômicas da região. Essa extração era feita de forma primitiva e rudimentar, pois os moradores não tinham recursos. A colheita era feita manualmente com ferramentas simples como facão e foice, onde os próprios trabalhadores colhiam e preparavam a erva para ser comercializada em pequenas bodegas, localizadas nas vilas mais próximas.

Conforme Corrêa (1970), já nesse primeiro ciclo econômico do sudoeste paranaense se observa uma dinâmica que marca a precariedade da produção primária na agropecuária brasileira, que é a existência de um ou mais intermediários que acabam amealhando lucros (como de resto ainda impera) sobre a atividade extrativista dos primeiros posseiros da região.

Por isso, apesar da extração de erva-mate ter sido importante na economia do Sudoeste do Paraná, ela não durou muito tempo. Isso se deve, também, devido às dificuldades de extração, a sazonalidade da produção e a precariedade do mercado, como elementos que fizeram com que fosse aos poucos sendo substituída por uma outra atividade econômica, a suinocultura.

Ainda segundo Corrêa (1970), essa suinocultura regional das primeiras décadas do século XX, era uma atividade muito primitiva em que os animais eram criados soltos (porco “alçado”), onde se alimentavam, basicamente, de frutas silvestres, especialmente o pinhão; e o agricultor lhes dava, quando muito, sal.

Todavia, existia, de forma insipiente ainda, como que uma cadeia produtiva: existia o criador que dispunha, nesse sistema anteriormente referido, das matrizes para a produção dos leitões para engorda. Quando esses filhotes atingiam um certo peso, eram, então, vendidos aos “safristas”, que os engordavam de forma similar, e depois os vendiam aos compradores localizados em União da Vitória, Guarapuava, Ponta Grossa ou outros centros.

Esse sistema de “safra” consistia, portanto, na segunda etapa da criação de suínos. Esse “safrista”, geralmente com uso de trabalho familiar, abria clareiras nas matas, plantava milho e soltava os porcos na época da maturação do milho para a engorda. Todavia, essa atividade demandava uma ampla área de terra e como a migração nessa região começou a aumentar, esse tipo de pecuária passou a afastar-se para regiões mais remotas, levando ao declínio dessa modalidade de suinocultura.

Ademais, podemos observar que neste período tanto de extração de erva-mate, quanto o período de criação de porcos, não teve nenhum estímulo para a criação de estradas, vilas e nem mesmo de algum pequeno comércio, fato este que dificultou o incentivo a uma povoação mais intensa nessa região.

Além dessas duas atividades econômicas que foram citadas, se desenvolveu também, nessa região, nas primeiras décadas do século XX, um sistema de cultivo agrícola primitivo, uma “economia cabocla”. Esses caboclos viviam da extração de recursos naturais para sua alimentação.

As áreas cultivadas por esses caboclos eram obtidas através de clareiras na mata, utilizavam a queimada para limpar a terra. Toda a produção era feita manualmente e de forma rudimentar. Nessa forma de produção eles apenas cultivavam uma safra, em seguida abandonavam o local e partiam em busca de um novo lugar na mata para realizarem a próxima safra.

Essa forma de produção também não contribuiu para que essa região fosse povoada, pois, segundo Corrêa (1970), era feita conforme uma dinâmica parcialmente nômade, em que os caboclos desbravavam pequenas áreas em meio à mata, permanecendo nela geralmente pelo período de uma safra agrícola. Esse sistema era ancorado na produção agrícola rudimentar e na caça de animais selvagens muito abundantes na região nesse período.

Essas características da cultura camponesa nos primórdios da colonização do sudoeste paranaense nos expõe a riqueza do que Wanderley (1996, 1998) denomina Campesinato Brasileiro. São essas particularidades e mudanças na história do campesinato que precisam ser inseridas e conhecidas na nossa história nos moldes dos questionamentos sobre a riqueza e diversidade do campesinato (MENDRAS, 1978).

No final de 1940 e início de 1950, observou-se um grande fluxo migratório para a região. A explicação para esse fato é de que nesta época instalou-se na região, mais precisamente no ano de 1943, a CANGO (Colônia Agrícola General Osório), que tinha por objetivo promover a ocupação dessa região de fronteira, que até então estava despovoada (LAZIER, 2004).

Para isso, estimulou-se a migração de agricultores e mesmo comerciantes vindos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além das cidades próximas de Palmas e Guarapuava. A partir desse fluxo migratório para a região Sudoeste do Paraná, a diversidade social foi se tornando mais complexa.

Como consequência, iniciou-se a construção de estradas e posteriormente um maior desenvolvimento da região com a criação de pequenas vilas e cidades. Com esse desenvolvimento, segundo Voltolini (2000), temos início o ciclo da madeira no sudoeste paranaense, especialmente caracterizado pela extração do Pinheiro Araucária, muito abundante na região.

Todavia, ao contrário da extração da erva-mate e da criação de porcos, que pouco contribuíram para o povoamento da região do Sudoeste do Paraná, a extração e industrialização da madeira permitiu a entrada de colonizadores que efetivaram a colonização e propiciaram a criação das primeiras cidades na região. Ao redor das serrarias instalavam-se as famílias dos trabalhadores, onde, conseqüentemente surgiram os primeiros estabelecimentos comerciais, ainda que simples e improvisados, que vendiam seus produtos para as famílias que ali moravam.

## 2.1 A COLONIZAÇÃO DA COMUNIDADE DE LINHA JACUTINGA

Situada no interior do município de Dois Vizinhos, Linha Jacutinga é uma comunidade que sofreu com a Revolta dos Posseiros em 1957. Os relatos de perseguições sofridas pelas famílias agricultoras dessa comunidade, sinalizam acontecimentos comuns na região no período da Revolta, onde os Jagunços da colonizadora intimidavam os posseiros no sentido de usurpar suas terras.

Hoje Jacutinga é uma pequena comunidade com aproximadamente 40 famílias, distribuídas por seus aproximados 700 hectares de terra, localizada às margens do Rio Chopim, o maior rio que passa pelo Município de Dois Vizinhos.

O início da colonização da comunidade se deu em 1948, com as primeiras famílias oriundas de Santa Catarina. A escolha do lugar para morar, segundo Lazier (1986), sempre se dava pela observância da presença de água, e preferencialmente às margens de algum rio (terras de várzeas) por acreditarem na maior fertilidade do solo pelo predomínio do chamado mato branco (formado por madeiras de lei).

Nas regiões onde existiam grande número de araucárias e xaxins, acreditava-se que a terra não era boa para a plantação. Por esse motivo os posseiros preferiam se instalar em regiões de mato branco, embora o relevo fosse, muitas vezes, mais acidentado. A partir da década de 1950, várias outras famílias migraram para o local, a maioria vindas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e de cidades próximas. Assim que chegavam, escolhiam seu pedaço de terra utilizando os mesmos critérios citados acima, e construam

suas casas utilizando a madeira abundante e iniciavam o cultivo da terra para poderem sobreviver.

### **3 AS TRANSFORMAÇÕES NAS FORMAS DE PRODUÇÃO AO LONGO DO TEMPO: O CASO DA LINHA JACUTINGA**

#### **3.1 A SUINOCULTURA**

Nas áreas onde era feita a derrubada da mata, os agricultores plantavam, na maioria das vezes milho. Porém, o objetivo final não era colher o grão, mas sim engordar porcos soltos. Essa forma de produção era conhecida por “porco safra”. Assim que os porcos atingiam um determinado porte eram levados a pé pelas estradas para lugares distantes, onde havia algum mercado para comercializar esses animais.

Conforme relato dos pioneiros da comunidade, esse sistema de produção deve ter durado aproximadamente dez anos e aos poucos foi sendo substituído pelo sistema de produzir porcos em mangueiras, que perdurou por um período mais extenso. Nesse sistema, os animais eram presos em cercados, e os agricultores plantavam suas lavouras de milho e feijão protegidas dos estragos que os animais soltos poderiam dar. O milho era servido para alimentar os animais nas mangueiras e o excedente era comercializado nos vilarejos próximos que possuíam comércio.

Por volta da década de 70 iniciou-se a criação desses animais em pocilgas (chiqueiros ainda com uma estrutura precária) (LAZIER, 2004). Os agricultores que passaram a produzir nesse sistema não eram integrados em nenhuma agroindústria. Produziam os animais por conta própria e quando os animais atingiam um determinado porte eram comercializados.

Somente a partir dos anos 80 é que os agricultores começaram a produzir esses animais integrados às agroindústrias (FERREIRA, 1987). As estruturas para acomodar esses animais durante a engorda eram mais “apropriadas”, ou seja, exigiam maior investimento. Essa atividade foi perdendo força na comunidade, assim como em quase todo o sudoeste do Paraná, por conta da crise do porco em meados da década de 1980, com a existência inclusive de mobilizações e fechamento de rodovias por parte dos suinocultores (FERREIRA, 1987). Assim, poucos suinocultores continuaram na produção desses animais a partir dessa crise na cadeia produtiva da década de 1980.

Assim, no início dos anos 2000 a produção desses animais estava bastante reduzida na comunidade. Alguns produtores possuíam, através da integração, as matrizes para a produção dos leitões, que eram cuidados até o desmame. Em seguida eram

repassados para outro produtor integrado que fazia a engorda final dos animais e eram então recolhidos pela integradora que transportava até o frigorífico.

Assim, na comunidade de Linha Jacutinga, a suinocultura perdurou somente até os primeiros anos do século XXI, sendo, então, substituída por atividades agrícolas de maior rentabilidade para os agricultores, especialmente soja ou milho, para produção de silagem ou venda.

Portanto, com o passar do tempo a suinocultura passou a ser apenas para autoconsumo, com número reduzido de animais, sendo que algumas famílias vendem esporadicamente alguns animais para o consumo de outras famílias da comunidade atualmente.

### 3.2 A CULTURA DO FEIJÃO

A produção de feijão esteve presente na Comunidade de Linha Jacutinga desde os anos de 1950, logo que os primeiros moradores chegaram ao local. Após escolherem a área a ser cultivada, os agricultores abriam clareiras em meio à mata fechada e em seguida faziam a queimada para iniciar o plantio.

Segundo relatos dos moradores mais antigos da comunidade, desde o plantio até a colheita o trabalho era feito manualmente pelos próprios membros da família. A lavoura era limpa com enxadas, e na colheita, os produtores se reuniam em mutirões para arrancarem manualmente os pés de feijão, que eram então secados ao sol e em seguida eram debulhados à “manguá” - uma forma primitiva de debulhador formado por dois paus atados por uma corda.

Assim que colhiam os grãos os agricultores separam uma parte da produção para o autoconsumo e replantio e o excedente era comercializado nos mercados mais próximos. Essa forma de produzir feijão perdurou por algumas décadas, e seu auge foi em meados dos anos 80, quando o preço estava em alta, e quando já se dispunham de trilhadeiras para o processamento da produção.

É somente a partir de meados da década de 1980, que se inicia a mecanização na agricultura do sudoeste paranaense; quando se passa, para o caso da produção do feijão principalmente, ao uso de batedoras de cereais, uma máquina mais eficiente e rápida que a trilhadeira e acoplada a um trator. Muitos produtores conseguiram melhorar razoavelmente suas condições financeiras graças a esse produto, rentável para a época.

No relato de vários entrevistados constatou-se que por volta de 1990, o preço do feijão caiu consideravelmente. A causa disso talvez se deva à uma maior oferta de feijão

no mercado nacional, pois com a mecanização do plantio e da colheita proporcionou que a cultura fosse cultivada em grandes áreas, em outras regiões do país.

Como os pequenos produtores da comunidade não tinham condições de ampliar a área e nem possuíam todas as máquinas necessárias como tratores e outros implementos agrícolas, essa atividade acabou se tornando inviável para grande parte dos pequenos agricultores de Linha Jacutinga.

Assim, essa forma de produção foi perdendo cada vez mais força, sendo substituída por outras atividades mais rentáveis. Dessa forma, hoje na comunidade, a produção do feijão é realizada apenas para autoconsumo e por apenas alguns produtores.

### 3.3 A AVICULTURA

A produção de aves de forma integrada à agroindústria foi também uma atividade que constituiu uma fonte de renda importante para as famílias da comunidade ao longo de algumas décadas. Esta foi, de fato, uma das produções que mais se intensificou e se transformou tanto na comunidade de Linha Jacutinga, com em toda a região do Sudoeste do Paraná.

Esse sistema de produção se iniciou na comunidade por volta da década de 1970. O modo de produção era primitivo, as aves eram criadas soltas no pátio das casas ou cercadas em uma pequena área na propriedade, se alimentavam com o que encontravam no chão como pequenos animais, frutas ou algumas plantas.

Também era fornecido restos de comida, milho ou quirela (milho moído). Quando essas aves atingiam um determinado porte, era feita a comercialização das mesmas pelos próprios produtores, sendo abatidas na própria propriedade ou levadas vivas até a cidade para serem vendidas nos mercados ou nas casas.

Conforme os relatos, em meados da década de 1970, já se observava na comunidade as primeiras construções de galpões para acomodarem as aves, ainda por um sistema de produção autônoma dos agricultores. A partir desse momento, os avicultores iniciaram uma produção mais especializada.

Nesse período o manejo desses animais recebia mais cuidado, mesmo que a produção se desse ainda de forma manual. Os produtores alimentavam essas aves com grãos que produziam em sua própria propriedade, ou faziam a quirela e misturavam concentrado para ajudar na engorda desses animais.

É no final da década de 1970 que se instala na cidade a empresa Sadia, que construiu um frigorífico para abater aves, e passou a realizar integração de produtores que optassem por fazer parte dessa parceria.

Na comunidade de Linha Jacutinga os primeiros aviários que foram construídos em 1978, onde os produtores integrados a essa empresa possuíam acompanhamento técnico. Assim, nesse novo modelo as aves eram criadas em aviários mais apropriados, e os produtores recebiam da empresa essas raças melhoradas.

Os avicultores recebiam esses animais ainda pequenos, com alguns dias de vida, cuidavam delas até que atingissem um determinado porte estabelecido pela empresa integradora, que ao final da engorda recolhia os animais e levava-os até o frigorífico, compensando o avicultor com retribuição financeira, de acordo com o desempenho da produção.

Dessa década em diante a produção desses animais na comunidade veio ganhando força, se intensificando e sofrendo transformações nas estruturas que comportavam a engorda desses animais. Com intuito de facilitar e de qualificar a produção, a empresa integradora garantia suporte e acompanhamento técnico aos produtores.

As raças dos animais foram sendo cada vez mais melhoradas e o modo de produção manual foi sendo substituído pelo mecanizado. Dessa forma o produtor passou a produzir em maior quantidade e diminuindo o trabalho manual. Com o passar do tempo, a produção de aves foi se modernizando ao ponto que muitos produtores desistiram da produtividade na comunidade.

A rentabilidade, segundo os produtores se mantinha satisfatória, mas o alto valor dos investimentos requeridos para a construção e manutenção do aviário e de seus equipamentos ficou impraticável para muitos. Por esses motivos alguns avicultores saíram da atividade por possuírem uma estrutura que não se enquadrava nos padrões exigidos, migrando para outras atividades.

Dessa forma, hoje na comunidade, existe apenas um aviário em funcionamento, e este por sua vez é todo automatizado e possui capacidade para comportar cerca 20 mil aves por lote.

### 3.4 A SERICICULTURA

Outra atividade produtiva que chegou a ser utilizada por algumas famílias na comunidade foi a sericicultura, produção do casulo do bicho-da-seda. Essa atividade não durou mais que 5 anos e teve seu início no começo da década de 1990.

Na comunidade de Linha Jacutinga existiram apenas 4 sericicultores, integrados de uma empresa que fornecia aos produtores assistência, insumos e os insetos. A criação acontecia em galpões de madeira construídos pelos próprios sericicultores, onde se dava a produção dos casulos. Os bichos da seda, como eram chamados, eram alimentados com folhas de uma espécie de amora, plantadas pelos próprios produtores.

Após a produção dos casulos, esses eram levados até a cidade onde era entregues à um representante da empresa, que os transportava até a indústria de fiação localizada na cidade de Marília, Estado de São Paulo. Essa atividade exigia dos produtores certa quantidade de mão de obra, e a remuneração por esse trabalho não compensava todo o esforço desempenhado.

Segundo relatos de agricultores que desenvolveram essa atividade, esse foi o principal motivo pelo qual, com o decorrer do tempo, essa produção foi perdendo força e acabou se extinguindo na comunidade.

### 3.5 A PRODUÇÃO DO AÇÚCAR MASCAVO

A partir da década de 1960, começaram a aparecer os primeiros engenhos de madeira para o processamento da cana de açúcar no sudoeste paranaense, vindos juntos com as mudanças dos colonos oriundos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (LAZIER, 2004).

Assim, a partir desse período agricultores da comunidade tinham em suas propriedades pequenos engenhos primitivos, tocados com a ajuda de animais. Ali produziam açúcar mascavo, melado, rapadura e outros derivados da cana de açúcar. Esses produtos eram consumidos pelas próprias famílias e o excedente era comercializado para outros moradores da comunidade e em alguns comércios locais.

A partir da década de 1980, com o desenvolvimento das cidades e da industrialização, os agricultores passaram a ter acesso à produtos industrializados, e o açúcar branco passou a fazer parte de suas refeições.

Todavia, no início dos anos 2000 essa produção passou a ser vista como uma forma alternativa de renda para agricultura familiar. Essa atividade teve, então, um novo incremento através da organização de alguns agricultores e incentivada por programas governamentais.

Foi criada na comunidade uma pequena agroindústria formada por onze associados que produziam coletivamente açúcar mascavo e melado. Os produtores associados produziam em suas propriedades a cana de açúcar, e quando essa estava no

ponto certo os produtores se organizavam para fazer o corte. O transporte da cana era feito com tratores e carroças até a agroindústria. Os produtos eram comercializados na cidade e até mesmo em regiões próximas ou mesmo em outros estados.

Entretanto, essa associação de pequenos produtores de açúcar mascavo e melado não durou mais que cinco anos. Após o término da atividade a agroindústria ficou parada. Nos anos de 2005 a agroindústria foi reativada, onde foi montado, também, um alambique para a fabricação de cachaça. Os produtores associados eram em menor número que na primeira. Os produtos eram comercializados na comunidade e em regiões próximas. Essa atividade também não durou muito tempo e teve seu fim no ano de 2010.

Atualmente, na comunidade, apenas alguns agricultores continuam produzindo açúcar mascavo e outros derivados para o autoconsumo e de forma esporádica para a comercialização, porém não mais na agroindústria. O engenho que utilizam é próprio. A cana de açúcar é cultivada em uma pequena área da propriedade e parte é também utilizada para o trato dos animais.

### 3.6 A PRODUÇÃO LEITEIRA

A produção de leite na comunidade teve início logo nos anos seguintes à chegada dos primeiros moradores em 1948. Nessa época era apenas para o autoconsumo das famílias e não existia um comércio para o leite. Os animais eram criados amarrados ou soltos em cercados, sem que os agricultores tivessem uma preocupação maior com o cuidado e manejo dos mesmos.

Foi somente no final dos anos 80 que surgem as primeiras cooperativas e os primeiros laticínios na região. Nessa época, os agricultores da comunidade ainda produziam o leite para o autoconsumo e alguns deles vendiam o excedente da produção. Esse produto era embalado pelos próprios produtores em embalagens reutilizáveis e transportado até a cidade onde era feita a entrega do produto diretamente nas casas dos consumidores.

Conforme relatos dos moradores, a partir de 1990 os produtores passaram a produzir para vender aos laticínios. Contudo, a produção de leite apresentava ainda uma estrutura bastante precária. A ordenha era feita manualmente e o leite era refrigerado em geladeiras ou freezer que os produtores tinham em casa. Os animais continuavam sendo criados em poteiros e se alimentando de pastagens rústicas.

O excedente da produção agora era entregue ao laticínio que vinha até a propriedade buscar o produto com carros pouco apropriados para o transporte, não

possuindo, na maioria das vezes, nenhuma forma de refrigeração e nenhum cuidado maior com a higienização do produto, o qual era colocado em tarros para serem transportados até a cidade.

Em 1996 foi criado o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF, que possibilitou a transformação da vida de milhares de agricultores que passaram a se beneficiar dos recursos dessa política agrícola, pois ao mesmo tempo em que oferecia assistência aos pequenos produtores também incentiva a permanência das famílias no campo, potencializando assim o uso da mão de obra familiar.

Assim, a partir dos anos 2000 a produção leiteira na comunidade começou a ganhar força. Os agricultores investiram na produção mesmo sendo ainda em pequena escala, melhorando as pastagens e a genética dos animais. Nesse período o leite passou a ser comercializado em laticínios que recolham o produto em veículos mais apropriados para o transporte, com refrigeração e cuidados de higienização.

A partir de 2005 iniciou-se na comunidade uma nova fase de modernização da atividade leiteira. Os produtores passaram a ter ordenhadeiras mecânicas, refrigeradores próprios para o leite e uma estrutura mais apropriada para realizarem todo esse trabalho. O manejo dos animais passou a ser realizado com mais cuidado, pastagens foram melhoradas e a produção de silagem passou a ser frequente.

Com a intensificação tecnológica da produção de leite, alguns agricultores já estão confinando os animais. Todavia, percebe-se que se inicia, já a partir do ano de 2015, uma diminuição das famílias que permanecem com a atividade, à medida que rentabilidade vai sendo garantida pelo ganho em escala.

Ou seja, tudo indica que estamos passando por uma importante reconfiguração na cadeia produtiva do leite no sudoeste paranaense, em que os pequenos produtores menos capitalizados serão, possivelmente, empurrados para alguma outra atividade alternativa para sua sobrevivência.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A comunidade de Linha Jacutinga passou durante seu desenvolvimento histórico por grandes transformações em suas formas de produção, tanto para comercialização quanto para o consumo próprio, bem como ocorreram significativas melhoras na qualidade desses produtos.

A preocupação com a preparação do solo, com os produtos a serem utilizados e as formas de produzir foram sendo transformadas ao passo em que os agricultores começaram a ter apoio de políticas agrícolas para o desenvolvimento dessas atividades.

Essas transformações ocorridas na comunidade são visíveis quando comparamos a estrutura da comunidade e as formas de produção de anos atrás com a estrutura e as formas de produção de hoje. A produtividade das atividades vem aumentando, fruto da intensificação técnica, que por sua vez exige mais recursos financeiros e insumos.

A integração das atividades produtivas às agroindústrias é cada vez maior, assim como os custos de produção que aumentaram. Diante desta condição de mercado, muitas famílias desistem das atividades que exigem grandes investimentos para permanecer na atividade.

Isso sugere que a rentabilidade está associada ao aumento constante da escala de produção, explicando, pelo menos em parte, o abandono de grande parte das famílias das atividades que se intensificam. Desta forma, busca-se novas fontes de renda, especialmente aquelas que possam ser iniciadas com baixo investimento e que aproveitem a mão-de-obra da família.

A suinocultura e a avicultura, por exemplo, que até os anos 80 eram intensivas em trabalho e comuns na comunidade, deixaram de existir à medida que as indústrias passaram a elevar a exigência mínima de capital para ingressar ou permanecer na atividade, de forma que atualmente não há mais produtores.

O cultivo de feijão, também muito comum nos primórdios da comunidade, deixou de ser realizado em escala comercial quando esta cultura passou a ser produzida no Centro-Oeste brasileiro por meio do plantio e colheita mecanizados, pois reduziu enormemente os preços pagos aos agricultores.

A fumicultura e a sericultura também deixaram de existir, todas condicionadas por esse mecanismo que exige intensificação no uso de capital, e que acaba por excluir os pequenos produtores.

## REFERÊNCIAS

- CORRÊA, Roberto L. O sudoeste paranaense antes da colonização. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, ano 32, n°. 1, p. 87-98, jan./mar., 1970.
- FERREIRA, Ângela D. D. Movimentos sociais rurais no Paraná – 1978-1982. In.: BONIM, A. A. *et al.* Movimentos sociais no campo. Curitiba: Criar Edições/Ed. da UFPR, 1987, p. 9-50.
- LAZIER, Hermógenes. Análise histórica da posse da terra no sudoeste paranaense. Curitiba: SECE/BPP, 1986.
- LAZIER, Hermógenes. Paraná – terra de todas as gentes e de muita história. Francisco Beltrão: Grafit Editora, 2004.
- MENDRAS, Henri. Sociedade camponesa. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- VOLTOLINI, Sittilo. Retorno 3: ciclo da madeira em Pato Branco. Pato Branco: Imprepel, 2000.
- WANDERLEY, Maria de N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. Texto apresentado no XX Encontro Nacional das ANPOCS, Caxambu, Minas Gerais, 1996.
- WANDERLEY, Maria de N. B. Em busca da modernidade social: uma homenagem a Alexander V. Chayanov. In: BRANDENBURG, Alfio; FERREIRA, Ângela D. D. (Orgs.) Para pensar outra agricultura. Curitiba: Ed. da UFPR, 1998, p. 29-50.